



A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES PRÁTICAS SOBRE ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Antônio Morais Júnior – UEA – Manaus – Amazonas
antonio.morais2014@hotmail.com

Adryne Amud da Silva – UEA – Manaus – Amazonas
adryneamud21@Gmail.com

Flavio Wachholz – UEA – Manaus – Amazonas
fwachholz@uea.edu.br

RESUMO

O objetivo do trabalho é demonstrar a importância da orientação e localização cartográfica, enfatizando a necessidade do conteúdo ser trabalhado nas séries iniciais da educação básica. Foram desenvolvidas atividades práticas em relação a temática geográfica no Ensino Fundamental II na Escola Estadual Altair Severiano Nunes, que está localizada na Zona Centro Sul da Cidade de Manaus (AM). Utilizou-se mapas projetados por Datashow, redes geográficas construídas no piso, bússola e GPS para tornar a aula mais dinâmica. As geotecnologias foram enfatizadas e demonstradas fazendo relação com o cotidiano do aluno, contribuindo de forma a instigar os educandos a olharem a Geografia de forma contemporânea, esquecendo o modelo tradicional e enfadonho. As atividades foram importantes, pois como a maneira de ensinar o conteúdo é uma prática inovadora, todos quiseram fazer parte do desenvolvimento das atividades elaboradas, ocorrendo uma participação de livre espontânea vontade pelos alunos que conseguiram progredir na aprendizagem do conteúdo.

Palavras-chave: Alfabetização cartográfica; Geotecnologias; Geografia.

THE IMPORTANCE OF PRACTICAL ACTIVITIES ON ORIENTATION AND GEOGRAPHIC LOCATION IN ELEMENTARY EDUCATION II

ABSTRACT

The objective of this work is to demonstrate the importance of cartographic orientation and location, emphasizing the need for content to be worked in the initial series of compulsory education. Practical activities were developed in relation to the geographic thematic in Elementary School II at the Altair Severiano Nunes State School, which is located in the South-Central Zone of the City of Manaus (AM). We used maps designed by Datashow, geographic networks built on the floor, compass and GPS to make classes more dynamic. Geotechnologies were emphasized and demonstrated in relation to the daily life of the student, contributing in a way to instigate students to look at Geography in a contemporary way, forgetting the

traditional and boring model. The activities were important, because as the way of teaching the content was new, everyone wanted to be part of the development of the elaborated practices, occurring a participation of free will spontaneously by the students who have managed to progress in learning the content.

Keywords: Cartographic literacy; Geotechnology; Geography.

INTRODUÇÃO

A Geografia permite a interação e integração de diferentes elementos do geossistema para análise do espaço geográfico. Nessa perspectiva, o ensinar geografia deve levar a compreensão dos alunos em relação ao seu cotidiano, ou seja, fazer uso dessas informações na sua vida em sociedade. Antunes (2012, p. 33) descreve a importância de ensinar Geografia:

Ensina-se Geografia para que os alunos possam contribuir e desenvolver uma compreensão do espaço e do tempo, fazerem “leitura integral e coerente do mundo” e dos intercâmbios que o sustentam e, dessa forma, apropriarem-se de conhecimentos geográficos e usá-las como ferramenta para seu crescimento pessoal e profissional e para suas relações com os outros.

O empírico da geografia requer a utilização de diferentes recursos para que os alunos compreendam o que está sendo passado. Dessa forma Katuta (2000, p.10) diz que:

O ensino das noções, habilidades e conceitos de orientação e localização geográfica se justificam, em grande parte, na medida em que se constituem em conhecimentos básicos para que o aluno estabeleça raciocínios de ordem geográfica ou em outras palavras, para entender a lógica das territorializações produzidas pela humanidade.

O ensino de cartografia é importante nas séries iniciais para proporcionar uma aprendizagem e encaminhar adequadamente para as series finais. No entanto é perceptível a falta de compreensão de mapas por parte de alunos que já tenham concluído a vida escolar obrigatória, deixando evidente a falta de noções básicas iniciais da cartografia, noções estas que deveriam ter adquirido nos primeiros anos de escolaridade e assim possuírem uma base bem consolidada referente à alfabetização cartográfica.

Orientação e localização fazem parte do cotidiano das pessoas, mas a maioria utiliza-se de tais conceitos de forma inconsciente deixando não evidente a presença da Geografia, mais necessariamente da cartografia no espaço vivido.

Ao observar e assimilar as informações do espaço vivido e conseguir visualizar estas mesmas informações em uma representação gráfica bidimensional, a criança estará adquirindo todo um saber científico que trará mais luz para as atividades da sua vida diária. atividades estas que dependem do ato de deslocar-se de um lugar para o outro, dando todo sentido ao estudo da orientação espacial, da localização (PISSINATI, ARCHELA; 2007, p. 170).

Compreender a geografia é compreender o espaço e suas relações que estão em completa interação. Sendo a cartografia utilizada nesse contexto para auxiliar na compreensão das relações sociais, já que ela é uma forma de comunicação existente, podendo através de mapas expor e guardar informações do passado, assim como do presente para serem utilizados em trabalhos futuros. Como Pissinati e Archela (2007, p. 173) a partir do pensamento de Oliveira (1978, p. 22) exemplifica, “As funções do mapa são: representar a superfície terrestre, expressar o pensamento do mapeador e atuar socialmente como meio de comunicação”. Isso demonstra que a aplicação da cartografia não se limita apenas as questões físicas da geografia, mesmo que uma boa porcentagem não perceba a aplicação direta que ela possui com a relação social.

A alfabetização cartográfica consiste em ensinar o conceito dos elementos básicos (título, escala, simbologia, legenda, orientação e lateralidade) de forma que ajude na interpretação de mapas. Os alunos devem interpretar de forma crítica as informações que estão contidas em documentos cartográficos e fazer uma correlação com a realidade do seu espaço vivido.

As noções, as habilidades e os conceitos de orientação e localização geográficas fazem parte de um conjunto de conhecimentos necessários, juntamente com muitos outros conceitos e informações, para que a leitura de mapas ocorra de forma que o aluno possa construir um entendimento geográfico da realidade (SOUZA; KATUTA, 2001, p. 51).

Nesse sentido, orientar constitui a base para se localizar no espaço geográfico, consistindo em uma das necessidades básicas do homem, necessidade que para ser suprida se faz uso da localização e orientação espacial desde os tempos mais remotos, mesmo com conceitos ainda desconhecidos durante esse período histórico.

Saindo de um modelo tradicional de aula no qual a maioria estão acostumados a presenciar, ou seja, aulas com uma massa exacerbada de conteúdos que os educandos são obrigados a aprender, seguindo ritmos acelerados que desrespeita completamente o tempo de aprendizagem de cada aluno. Nesse sentido Antunes (2012, p. 20) esclarece que “[...] melhor que se ensinar “tudo” mais ou menos é ensinar um pouco menos, mas muito bem”.

Percebemos que a prática da Geografia na escola está recheada de tradicionalismo e, esses continuam a distorcer a realidade construída historicamente distanciando os homens de uma apropriação do espaço. A trajetória da geografia escolar tem sido permeada por um discurso ideológico que mascara a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Ela tem sido marcada por um enciclopedismo e por uma enumeração mecânica de fatores de ordem natural e social presentes em um dado território. Isso faz da Geografia uma disciplina que por sua vez desperta pouco interesse no aluno, pois o que é visto em sala pouco tem relação com o cotidiano do aluno fora da escola. (CALIXTO, 2014, p. 06).

Desse modo, o objetivo do trabalho foi o de demonstrar a importância da orientação e localização cartográfica, enfatizando a necessidade de que seja trabalhado nas primeiras séries da educação obrigatória.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Altair Severiano Nunes, que está localizada na Zona Centro Sul da cidade Manaus (AM), no período – julho de 2015 a fevereiro de 2018. Essa foi uma das escolas inclusas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em que o curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) dispõe de seus discentes para atuar no programa.

A temática abordada para a ministração das aulas foi orientação e localização, a qual fomentou discussões a seu respeito, pois falar sobre orientação e localização no cotidiano do ensino fundamental II, requer que os alunos já tenham uma base cartográfica trazida pelas séries iniciais de forma a construir uma aprendizagem sólida e significativa, coisa que apenas alguns tinham a noção básica, pois tiveram essa temática tratada. Para nivelar às turmas foi necessário trazer assuntos básicos do ensino fundamental I, para que os mesmos (ensino fundamental II) tivessem noção do que seria exposto sequencialmente, permitindo assim o aprofundamento sobre cartografia nas séries seguintes. Essa base se torna indispensável em virtude da necessidade que existe em aprofundar questões referentes ao tema proposto, sem uma noção conceitual e realista, o conteúdo adiante terá caráter confuso, causando um empecilho no amadurecimento da temática para os alunos.

Sendo utilizado como ferramenta de apoio nas aulas, apresentações em PowerPoint permitiram-nos trabalhar com figuras e vídeos que facilitaram uma compreensão mais apurada dos conteúdos, deixando-os menos abstrato possível.

Portanto, a metodologia aplicada para a ministração da temática consiste em primeiro momento, demonstrar formas de localizar-se levando a compreensão de lateralidade (figura 1); segundo momento, apresentar os aparelhos disponíveis para obtenção das coordenadas geográficas, levando em consideração a latitude e longitude; por fim, o modo como deve-se utilizar a bússola (figura 02 e 03).

Durante as aulas foram utilizadas ferramentas da contemporaneidade que é de fácil acesso aos estudantes e que estão presentes no cotidiano de qualquer pessoa (quadro 1), além da utilização de atividades lúdicas que é uma das propostas do programa (PIBID). Utilizando o aparelho de GPS e uma bússola, enfatizando também outras tecnologias disponíveis como a localização que é proposta pelo aplicativo WhatsApp, com vínculo ao Google Maps, possibilita o envio da localização em tempo real para os contatos do aplicativo, permitindo acompanhar seu percurso e com controle de tempo que seus amigos podem acessar sua localização. Os aplicativos Google Maps e Google Earth foram expostas aos alunos, levando a fazer uma correlação com parte dos conteúdos da ciência geográfica. Através das ferramentas Google supracitadas, o professor pode demonstrar para os alunos a terra em três dimensões, fazer seleção de lugares e com aproximação verificar com mais detalhes outros territórios, conhecer as coordenadas de qualquer ponto da terra e fazer medição das distancias de um ponto ao outro. Dessa forma, existe uma variedade de maneiras para trabalhar em sala de aula questões voltadas para a cartografia. No entanto é necessário refletir sobre o modo de trabalhar, buscando trazer novidades aos alunos, tarefa complicada para o professor que possui sobrecarga de horários.

Quadro 1: Materiais utilizados para a aula prática

Recurso didático	Utilização em sala de aula
Datashow	1. Prática com mapas projetados para obter o local da Latitude e Longitude correto.
Bússola	2. Demonstração para os alunos com explicação das utilidades e informações de como manusear.
GPS	3. Como manusear para marcar pontos e fazer uma demonstração do trajeto percorrido.
Jogo da rede geográfica	4. Elaboração da rede geográficas construídas no piso com o uso de fitas e pequenos cubos de papel.
Qgis 2.10	5. Utilizado na confecção de um mapa georreferenciado.
Google Maps	6. Aproximação com mais nitidez das imagens de satélite das grandes cidades, sendo possível ver pontos turísticos.
Google Earth	7. Verificação da terra em três dimensões, medição da distância de pontos marcados.

O propósito dessas ferramentas é mostrar para os alunos como esses dados são importantes para os geógrafos na confecção de mapas, dando exemplo das figuras bidimensionais presentes nos seus livros e demonstrado no software Qgis. 2.10 o qual foi utilizado na confecção de um mapa georreferenciado.

Ademais, a informática precisa ser manuseada de forma a agregar novos aprendizados, sendo imprescindível sua incorporação como ferramenta de apoio nos sistemas de ensino, é um recurso que permite trabalhar com os conteúdos da ciência geográfica utilizando programas computacionais, que auxiliam nas necessidades existentes na sala de aula. Esta relação precisa encontrar-se presente de forma concreta, deixando de significar uma abstração.

Depois de toda uma discussão teórica, houve uma associação contando com a realização de uma atividade prática onde foi elaborado com a participação dos próprios alunos, utilizando fita para representar as linhas imaginárias, tanto no sentido vertical como horizontal, demarcando com pequenos papeis recortados em cubos o grau de cada linha imaginária, (figura 04). “Aliás, aquilo que vemos e ouvimos como algo muito abstrato ao nosso cotidiano, é facilmente esquecido, mas o que fazemos com nossas próprias mãos e com nosso próprio raciocínio tem menos probabilidade de cair no esquecimento” (PISSINATI; ARCHELA, 2007, p. 188).

Como atividade final para analisar o aprendizado que os alunos desenvolveram durante as aulas teóricas e práticas desenvolvidas, teve a apresentação do mapa mundo, para demonstrar a latitude e longitude para o aluno, este deveria ir no mapa projetado no quadro através de data show, e marcar com pincel o local onde correspondia as informações que foram passadas (figura 05).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização do trabalho desenvolvido em sala de aula teve o objetivo de não apenas ensinar novos conteúdos, mas também de prepará-los para atuar frente às dificuldades que irão encontrar na vida em sociedade, sendo incorporado como cidadão consciente das transformações que ocorrem no espaço geográfico, para isso precisa ser levado o conteúdo aprendido, para a vida prática. É destacado nesta mesma linha de raciocínio o pensamento de Libâneo (1994, p. 157) que relata “Dominar conhecimentos e habilidades é saber aplicá-los,

tanto nas tarefas escolares como nas tarefas da vida prática”. Essa questão é um passo importante para que haja uma atuação mais amadurecida dos alunos nas questões sociais.

Todavia, a grande maioria dos educandos não tem o privilégio de aprender de maneira prática, com escolas que possuem boas estruturas, atualizadas, bastantes recursos e investimentos, entretanto na Escola Estadual Altair Severiano Nunes é uma exceção da realidade presenciada na maioria das escolas públicas, uma vez que possui as estruturas e ferramentas necessárias para se obter aulas satisfatórias.

As salas de aula são equipadas com Datashow, caixa de som e internet para serem utilizadas, além disso são salas temáticas, ou seja, cada disciplina possui seu espaço, tendo dentro deste, mapas, globo terrestre e vários materiais de trabalhos já realizados e que podem ser empregados como exemplo em outras atividades.

Os altos valores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) proporcionam um maior investimento que a escola acaba recebendo. Normalmente essas características são encontradas em escolas particulares, o que proporciona uma maior contribuição na formação de pessoas mais críticas. “Além disso, dentro da própria escola há grandes diferenças no modo de conduzir o processo de ensino conforme a origem social dos alunos, ocorrendo a discriminação dos mais pobres” (LIBÂNEO, 1994, p. 36). Nesse contexto de diferentes realidades existentes, a sala de aula encontra-se recheada de alunos de personalidades e classes sociais distintas e a importância do papel do professor torna-se evidente nesse contexto, principalmente porque caberá a ele a responsabilidade de trabalhar e conduzir, ou pelo menos tentar, a um entendimento homogêneo, independente das diferenças que existem no cotidiano de cada educando.

O professor é a peça-chave na promoção do conhecimento e na integração de estudantes de diferentes culturas, idiomas e realidade social, quando trata, por um lado, com alunos que têm acesso ilimitado aos mais avançados equipamentos e tecnologias e, por outro, com os que dependem exclusivamente do espaço escolar para tal acesso (MAIO; SETZER, 2011, p. 223).

Cabe ressaltar que não é do interesse do Estado transformar os alunos em cidadãos críticos da sociedade, pois existe uma ideia imposta para que acreditemos que a educação disponível seja a melhor possível, esse pensamento nada mais é que uma fábula elaborada pela classe dominante para submeter as classes mais desfavorecidas às suas vontades, sendo do interesse dos que governam o país, ter uma população que segue ordens como simples cordeiros direcionados sem questionar. Todavia, o Estado consegue falhar em alguns momentos, visto que na Escola em que se realizou as atividades, os alunos sempre

questionavam, argumentavam e até traziam notícias da atualidade pois estes fazem parte e estão envolvidos com as informações disponíveis através das mídias digitais e também de outros meios de comunicação.

Sabemos que a maioria dos jovens do nosso país sequer possuem contato com computadores, e em alguns casos quando a escola dispunha desse recurso, este não é utilizado. O fato é que ainda se vive num modelo tradicional de aula, centrada num processo de decorar os conteúdos, além do fato de muitos professores não saberem manusear esse recurso (computador) de forma a torna-lo um auxílio nas aulas, e nisso, mais uma vez a Escola Altair Severiano Nunes é exceção, pois os aparelhos estão disponíveis e são utilizados em sala de aula pela maior parte do corpo docente.

Nas escolas, observa-se, no entanto, que, apesar de todo o acervo de recursos disponíveis por meio da internet ou outro meio eletrônico, com imagens de satélite artificiais que podem ser adquiridas em tempo real, o professor de Geografia (ciência eminentemente dinâmica) – que deve fomentar o entendimento de situações mais complexas sobre as relações que existem entre aquilo que acontece no dia-a-dia, no lugar em que se vive, e o que se passa em outros lugares do mundo – ainda se comporta como um sujeito passivo, utilizando técnicas não sintonizadas com os alunos (MAIO; SETZER, 2011, p. 225).

Os alunos possuem uma maior familiaridade com o uso da tecnologia, pois a sociedade atual em que fazem parte se encontra permeada por esses aparelhos tecnológicos, com isso a facilidade e rapidez em manipular essas ferramentas é notória o que deixa o professor em cheque, já que ele deveria está na vanguarda do seu tempo, sempre familiarizado com as mudanças que ocorre no meio social.

A diferença de tempo (idade) que o professor tem em relação aos alunos, não deve ser motivo para que ele não tenha domínio, mesmo que em sua época a tecnologia fosse restrita a uma determinada classe da sociedade. Dessa forma, seguirá o que foi proposto e elaborado para realizar tal pesquisa.

No primeiro momento, foram explicados alguns dos meios existentes para orientar-se no espaço geográfico, de forma que ajudasse o aluno a se localizar dentro deste espaço. Como demonstrado na figura 01, utilizando a posição que o sol se encontra de acordo com o horário do dia para então descobrir as outras direções dos pontos cardeais.

A orientação começa com a relação entre dois lugares. Ela é importante porque permite a compreensão da localização geográfica. Quando ouvimos o nome de um lugar, logo relacionamos com um outro lugar ou objeto que serve como ponto de referência. (BARROS et al., 2004, p. 152).

Figura 01: Orientação através do sol.



Foto: Sandréia Araújo, 2017.

Houve uma grande interação dos alunos no momento da explicação do conteúdo, a maioria demonstrava interesse em conseguir saber a localização com base na posição do sol e através de observações das estrelas, utilizando como base as direções de direita e esquerda do seu próprio corpo. “Sem saber diferenciar esquerda e direita, em qualquer posição que esteja, não é possível localizar-se e muito menos orientar-se” (FRANCISCHETT, 2009, p. 03). Alguns já tinham conhecimento a respeito das maneiras de se orientar, mostrando que nas séries anteriores algumas questões sobre o tema já tinham sido abordadas, mesmo que de maneira superficial. Mesmo assim, essa compreensão mínima permite ao professor uma possibilidade de trabalhar com uma maior profundidade em suas aulas, pois não necessita explicar para eles o que já deveria ter sido feito nas series anteriores, apenas uma rápida explanação sobre alguns pontos.

Em segundo momento foi realizado a demonstração do GPS (figura 2), explicando a sua função e meios em que esse aparelho pode ser utilizado. Aproveitando os dados presentes no GPS referente a trabalhos de campo realizados pela universidade, para demonstrar no Qgis 2.10 o traçado dos caminhos percorridos e onde as coordenadas foram armazenadas. Pazini et al (2005, p. 1331) refere-se “As atividades cartográficas promovem o desenvolvimento de esquemas mentais que auxiliam na aprendizagem e autonomia intelectual do aluno reafirmando a importância de se aliar essas atividades com novas possibilidades de interação oferecidas pelas inovações tecnológicas”.

Figura 2. Demonstração do GPS.



Foto: Sandréia Araújo, 2017.

O equipamento foi passado para cada aluno, podendo assim vê-lo de perto, através dessa ação ficou claro que eles tinham uma visão limitada das maneiras que o equipamento pode ser utilizado na Geografia. Em sequência, foi demonstrado a bússola (figura 3) como forma de orientação, sendo chamados pequenos grupos para ver, tocar e saber informações referentes ao item mencionado.

Figura 3: Demonstração da bússola.



Foto: Sandréia Araújo, 2017.

A bússola foi um objeto que todos conheciam, mesmo que alguns nunca tenham tocado ou visto de tão próximo, mas na hora de explicar como deve ser manuseada, poucos sabiam descrever de forma condizente. Conforme a explicação os educandos foram percebendo detalhes no item, como a diferença de cor da agulha, a presença da rosa dos ventos, graus, o fato da metade vermelha sempre se direcionar ao norte, além de vários outros questionamentos que os grupos realizaram.

A exposição dos aparelhos teve relevância, pois, são recursos utilizados na cartografia para auxiliar os pesquisadores em muitos dos seus trabalhos e pesquisas.

Uma das principais preocupações do ensino de Geografia atualmente, talvez seja fazer com que os alunos aprendam a utilizar a ciência geográfica nos mais diferentes campos de suas vidas. Levando-se em consideração a grande amplitude do conhecimento geográfico, torna-se fácil as mais diferentes relações que se pode fazer dentro e fora de sala de aula. (FERREIRA et al., 2015, p. 01).

Por fim, duas atividades práticas foram realizadas referente a latitude e longitude (figura 4 e 5), onde na primeira os alunos tiveram que montar as linhas imaginárias utilizando fita e com pequenas folhas recortadas em forma de cubo organizar os graus de cada linha.

Figura 4: Atividade prática sobre coordenadas geográficas.

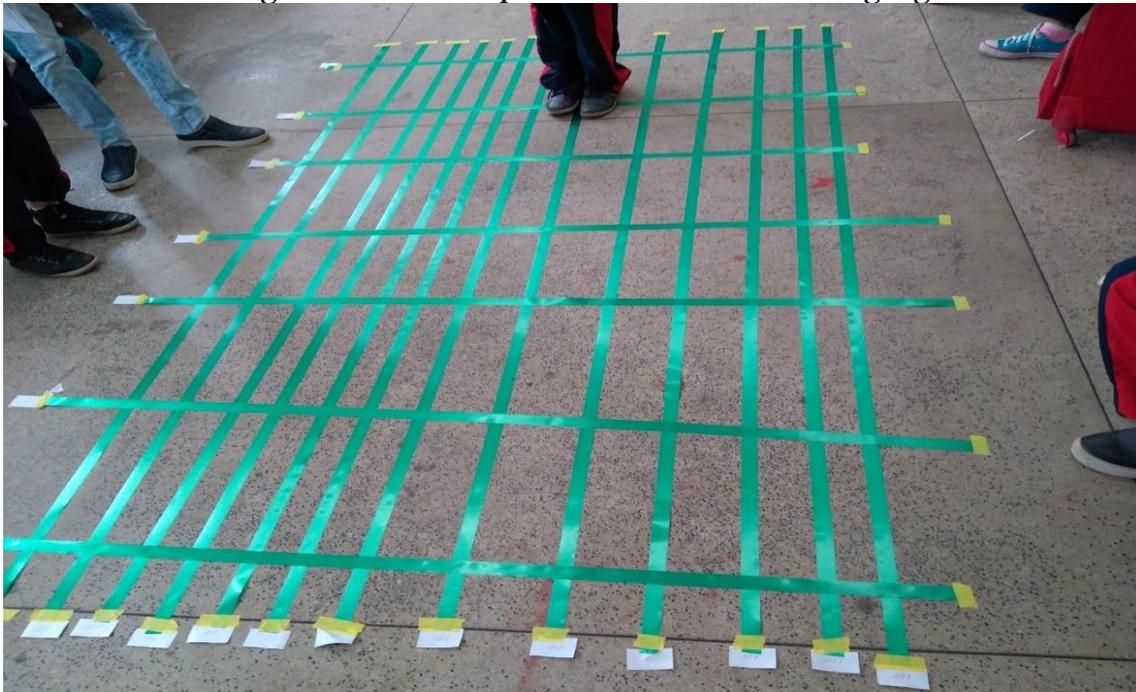


Foto: Adryne Amud da Silva, 2017.

Figura 5: Identificação da latitude e longitude.

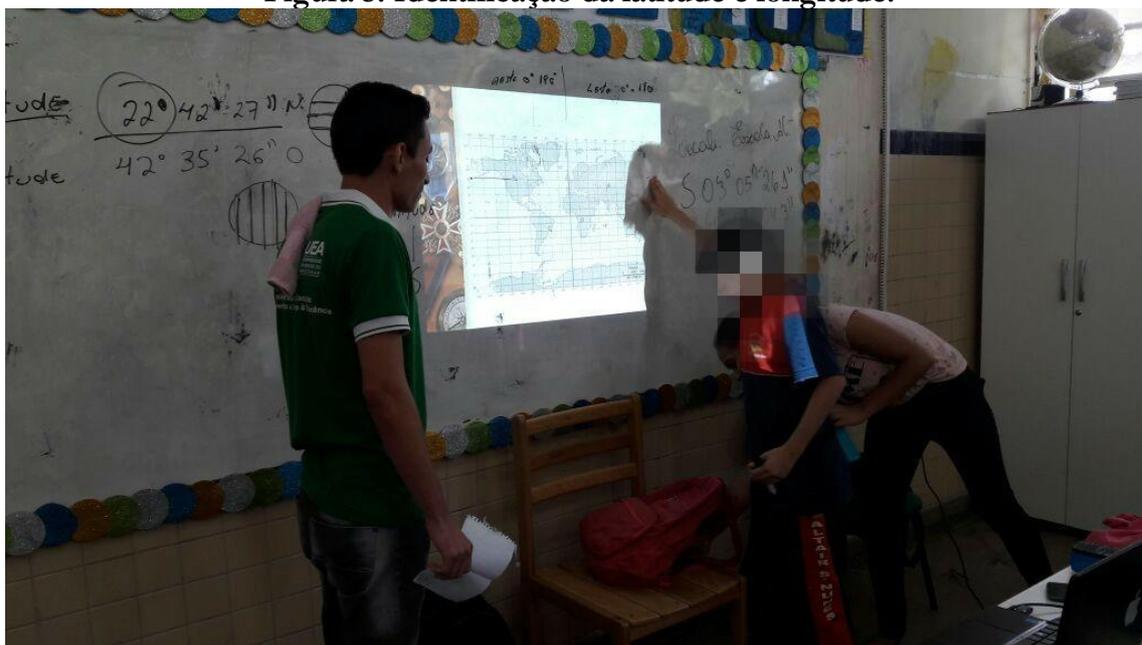


Foto: Sandréia Araújo, 2017.

Dessa maneira Pinheiro et al (2013, p. 3) corrobora ao afirmar que:

A atividade lúdica no ensino de Geografia proporciona o prazer e divertimento durante as aulas, ao passo em que ajuda a desenvolver no educando habilidades cognitivas e motoras; atenção e percepção; capacidade de reflexão; conhecimento quanto à posição do corpo; direção a seguir e outra habilidades.

O objetivo da atividade consistia na consolidação da parte do conteúdo que faz referência a prática desenvolvida, visto que na teoria várias dúvidas foram geradas e mesmo após a explicação permaneciam confusas para os alunos, em grande parte pela incerteza a respeito do direcionamento da latitude e longitude.

[...] o fato de que muitas vezes os alunos não conseguem distinguir a direção das latitudes e longitudes, ou nem sabem que ambas tem direções opostas, exatamente para que se possa localizar algum ponto da terra, (a localização através de coordenadas geográficas implica, necessariamente, na existência de perpendiculares), ou pior, não sabem que a localização de um ponto depende de duas coordenadas: latitude e longitude. (KATUTA, 2000, p. 14).

A turma foi dividida entre meninos e meninas pelo fato de serem na maior parte do tempo competitivos entre eles, levando a ter uma participação mais satisfatória, sendo a equipe vencedora aquela que tiver maior número de acertos.

Um espaço da sala ficou disponível para a representação das linhas imaginárias, sendo cada lado representado por uma equipe. Um membro de cada equipe recebia uma

latitude e longitude, tendo esse que ficar em pé onde achava que era o local correto, marcando ponto a equipe que acertava.

Confirmando a atividade com o sexto ano, Pinheiro (2013, p. 9) relata:

O uso da condição de paralelismo entre o jogo e as coordenadas geográficas manifesta-se ao tempo em que associamos as linhas contidas no tabuleiro aos paralelos representados como linhas horizontais imaginárias sobre o globo terrestre. As colunas, por sua vez, serão associadas aos meridianos dispostos na forma de linhas verticais sobre o mesmo globo.

A segunda atividade consistia numa projeção do planisfério no quadro, onde era dado latitude e longitude tendo o aluno que marcar com o pincel onde representava esses dados no mapa. Foi basicamente um complemento da primeira, algo feito para reforçar e ao mesmo tempo verificar se realmente não ficou dúvidas em respeito as dificuldades expostas.

A leitura e compreensão do mapa é uma habilidade muito importante e necessária para todo cidadão. Essas representações fazem parte da vida contemporânea e podem ser utilizadas em diferentes contextos, como em artigos de jornal, televisão, shopping, processo educacional, etc. Confirma-se, assim, a exigência frequente do uso de mapas, no deslocamento de um lugar para outro, no esporte de Orientação, na análise do tempo atmosférico, na distribuição das indústrias ou da poluição do ar. São alguns dos modos e momentos oportunos da leitura cartográfica, que ocorrem no cotidiano e diversificadamente, dadas as condições de vida em nossa sociedade atual. (SCHERMA, 2010, p. 24).

Dessa forma, fica claro que o professor não é o único responsável pela não utilização desses recursos, as políticas públicas que determinam vários critérios, seja para avaliação, currículo e dentre outros mecanismos de ensino, devem garantir que as escolas tenham os materiais necessários para que o educador desenvolva o seu papel como agente transformador, o que não é uma realidade existente na maioria dos casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades alcançaram o objetivo proposto, pois junto da participação dos alunos durante todas as atividades realizadas, houve um amadurecimento em relação ao conteúdo desenvolvido durante as aulas. Deixando claro que alguns alunos conseguiram alcançar resultados positivos, mas também houve casos que se percebeu o não amadurecimento deles. Embora o nivelamento tenha sido realizado, a base insuficiente de alguns que tiveram no ensino fundamental I, requeria uma maior demanda de tempo para o desenvolvimento de atividades.

Ficou evidente que na elaboração das atividades e durante a demonstração das ferramentas tecnológicas utilizadas, suas atenções ficaram completamente voltadas na aula. Isso demonstra de forma clara e objetiva que mesmo nos dias atuais em que a tecnologia está presente em todos os espaços da sociedade, muitos alunos ainda veem com olhar de surpresa, em virtude de não ser comum a ministração de aulas com a utilização desses recursos.

Tais recursos devem ser utilizados, pois as aulas não podem ficar sempre na monotonia, deve-se sempre buscar melhorias no processo de ensino aprendizagem, e o professor precisa estar sempre ciente da necessidade de sua atualização no que se refere ao conhecimento e manuseio dos recursos, fazendo parte da elaboração de suas aulas.

AGRADECIMENTO

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Geografia para educação de jovens e adultos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARROS, Mirian Vizintim Fernandes et al. Oficina Pedagógica - Orientação no mapa e pelo mapa. **Geografia**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 151-167.

CALIXTO, Marcicleide. **Ensino de geografia**: uma perspectiva sobre a formação do professor. 2014. 31f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia), Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FERREIRA, Damiane. et al. A importância da orientação e localização geográfica no ensino fundamental: uma experiência do Pibid/Geografia/Unicentro. In: IV Fórum das Licenciaturas/VI Encontro do PIBID/II Encontro PRODOCÊNCIA – Diálogos entre licenciaturas: demandas da contemporaneidade, 4, 2015, **Anais...Iratí**: Unicentro, 2015. p1-3.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. Conceito de orientação e localização pelas imagens do livro didático. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 10, 2009, **Anais...Porto Alegre**: UFRGS, 2009. p1-10.

KATUTA, Ângelo Massumi. O ensino e aprendizagem das noções, habilidades e conceitos de orientação e localização geográficas: algumas reflexões. **Geografia**. Londrina, v. 9, n.1, p. 5-24, Jan./Jun. 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2.º grau. Série formação do professor)

MAIO, Angelica Carvalho Di; SETZER, Alberto W. Educação, geografia e o desafio de novas tecnologias. **Revista Portuguesa de Educação**, 2011, v. 24, n. 2, p.211-241, 2011.

PAZINI, Dulce Leia Garcia; MONTANHA, Enaldo Pires. Geoprocessamento no ensino fundamental: utilizando SIG no ensino de Geografia para alunos de 5ª a 8ª série. XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 12, 2005, **Anais...**Goiânia: INPE, 2005. p. 1329-1336.

PINHEIRO, Igor de Araújo et al. Brincar de Geografia: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Equador** (UFPI), v. 2, n. 2, p.25-41, Dez. 2013.

PISSINATI, Mariza Cleonice; ARCHELA, Rosely Sampaio. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia. **Geografia**, Londrina, v.16, n. 1, p. 169-195, Jan./Jun. 2007.

SCHERMA, Elka Paccelli. **Corrida de orientação**: uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia. 2010. 201 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2010.

SILVA, Daniel Araújo. Atividade esportiva no ensino de geografia: experiência a partir da corrida de orientação na escola. **Geosaberes**, Fortaleza, v.4, n.8, p. 87-99, Dez. 2013.

SOUZA, José Gilberto de; KATUTA, Ângelo Massumi. **Geografia e conhecimentos cartográficos**: A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: UNESP, 2001.

Antônio Morais Júnior – Possui graduação em Geografia (2017) pela Universidade do Estado do Amazonas.

Adryne Amud da Silva – Possui graduação em Geografia (2018) pela Universidade do Estado do Amazonas.

Flávio Wachholz – Professor Adjunto do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas e do Mestrado Profissionalizante de Gestão dos Recursos hídricos (ProfÁgua). Pós-doutor em Geografia (2013) pela Universidade Federal de Goiás (UFG-Campus Jataí). Doutor em Geografia (2011) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Rio Claro, SP). Mestre em geografia (2007) pela Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria, RS). A graduação foi em Geografia (2004) pela Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Geotecnologias e Análise da Paisagem.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2018.

Aceito para publicação em 18 de fevereiro de 2019.

Publicado em 11 de março de 2019.